Educar para personalizar: diretivas para uma nova Pedagogia

Alécio Vidor

Uma boa noite e bem vindo a todos.

Esta não é uma conferência, é uma proposta de uma diretiva específica para o nosso curso de pedagogia: educar para personalizar.

Educar, além do sentido de ensinar, instruir, corrigir, adaptar, proibir, necessita cultivar a identidade pessoal da criança. Quando se força a criança a aprender de modo prioritário o ensino de um outro para regular o próprio íntimo, a própria vida passa a ser coordenada por um estranho. Grande parte da própria vida se manteve inconsciente porque não se desperta a criança a conscientizar, desde a primeira infância, a vasta gama das percepções íntimas e introvertidas. Na busca de compreender a cultura organizada como valor preferencial, exclui-se o critério de valor íntimo.

Pedagogia é um termo derivado do grego παίς = criança, e do latim *ago* = fazer, coadjuvar, auxiliar a criança a desenvolver e a fazer a si mesma. Educar é um termo de origem latina, derivado de *ex-ducere*, significa auxiliar a criança para que ela possa externar os valores da identidade pessoal. O termo grego "Paideia" significa indicar a ação que realiza a intenção íntima de crescimento pessoal. Na educação é indispensável evitar o que oprime a alma infantil em desenvolvimento. Desprezar os instintos ou a emotividade espontânea e apelar continuamente pela razão e pelo cérebro leva a excluir a percepção do organismo todo.

A pedagogia necessita resgatar e cultivar a ordem inerente à vida de cada ser humano, em função de construir o humanismo social. Ao observar a ordem da vida vemos que a semente germina de dentro para fora, a flor desabrocha de dentro para fora, a planta cresce de dentro para fora, os animais e o homem se desenvolvem de dentro para fora. É fácil entender que necessitamos retomar um critério de valor íntimo da individuação para construir o próprio projeto pessoal.

A criança necessita encontrar no ambiente o que é condizente para se nutrir e formar segundo a exigência de sua identidade íntima. Ocorre que, de início, a criança gradualmente metaboliza do ambiente primário, materno e familiar, o que lhe é oferecido e sofre uma identificação aos valores próprios ou impróprios da família, memoriza as informações que recebe, forma a língua com os limites de significados que lhe é transmitido, aprende um modo de afeto e amor que lhe é dado, fixa fórmulas de relacionamentos repetitivas que se estabilizam

em hábitos. Tudo isso pode auxiliar desde que não se torne um peso à carregar e repetir de modo esquematizado pelo resto da vida.

Surge um momento em que a criança começa a se negar em depender de outra pessoa, buscando afirmar a si própria, é o momento que nasce o seu Eu, o Eu de sua identidade, o Eu de sua alma. Este Eu é delicado e frágil, quando não entendido e atendido ele se mantem sufocado. Naquele momento, o Eu se exercita para assimilar os sons, reproduzir as palavras e revela o desejo de saber, de conhecer a intenção e o significado.

Quando começa a indagar o que é cada coisa que encontra, a ela quer unir o sentido e o significado de cada coisa às palavras que lhe transmitiram. Desde aquele momento, ela quer conhecer a definição, a forma ou essência de cada coisa, neste momento nasce a consciência: a compreensão segundo as versões dadas pelos que a amam.

Quando a criança indaga sobre o que é bom e o que não é bom, ela deseja distinguir valores e descobrir o que é bom para a própria vida e o que é bom para a sociedade, neste momento surge a moral: uma necessidade de comportamento adequado para viver e conviver. Nesse momento ela percebe que o centro de referência é o próprio Eu.

O Eu tende a ser o critério de referência para qualquer procedimento e o interesse em saber para o que serve cada coisa, é uma exigência da própria vida para ter acesso ao que é útil e funcional para desenvolver-se. Isso revela a busca pela própria autonomia em função de tornar-se uma pessoa independente. Essa é a ocasião que surge a lógica condizente para conduzir a si mesmo com responsabilidade. A lógica passa a ser usada como meio de reforço para o próprio valor pessoal.

E quando a criança indaga, querendo saber como nasceu, ela quer ter acesso à causa que deu origem à sua existência, é esse conhecimento que dá origem ao uso da razão, que é o instrumento que a torna apta a organizar o próprio conhecimento e futuro conhecimento científico.

Se ela não se sente segura e amada, ela procura adaptar seu modo ao modo de ver dos adultos quando inibidos e se conforma à inibição sentida pelos pais. A curiosidade da criança quando indaga “Porque a gente deve morrer?”, ela busca encontrar um princípio que não se vê, é a busca da primeira causa, de tudo que nasce e desaparece. A exigência de um fundamento surge como intuição da inteligência, que embora seja não compreendido, admite-se como lógica necessária para dar explicação as coisas.

Até os seis anos se forma a base da pessoa, o Eu nasce como princípio de distinção, a consciência surge como base de compreensão dos significados, a moral se forma como exigência de conduta condizente à vida, a lógica aparece como funcionalidade para conduzir a própria identidade, a razão para desenvolver a relação entre causa e efeito, e a intuição propõe o fundamento de origem de tudo. O princípio formal inteligente é o regente de todas as funções humanas em construção histórica.

Alguns procedimentos práticos que consistem em coadjuvar a criança, despertando a mente da criança para ela aprender mediante a perguntas e respostas:

• provocar para que a criança possa descobrir as respostas a partir do íntimo;

• informar certos subsídios necessários para sua existência e seu desenvolvimento;

• sugerir sem impor os valores de adaptação social e nunca propor de modo absoluto e único;

• exigir aquilo que salvaguarda sua existência e integridade. Faz-se isso por amor ao valor da existência nova;

• não substituir o esforço da criança, mas ajudá-la até onde não tem condições de fazer por si;

• despertar para que a criança possa inventar alternativas criativas com ordem;

• estimular a criatividade para além dos esquemas fixos;

• servir-se de brinquedos para aprender a trabalhar.

A criança quando brinca trabalha e o grande quando trabalha, brinca. O ser humano é um núcleo energético e uma unidade de ação em progressivo aperfeiçoamento. Na educação é importante lugares apropriados para viver e crescer, o contato com a natureza aberta e livre onde não se consente presenças opressivas e negativas. Os lugares e construções devem emanar mensagens de vida e ordem na arquitetura, quadros, músicas e brinquedos para aprender a jogar, trabalhar e crescer.

Muito obrigado!